

CEDI - P. I. B.
DATA 13 12 89
COD WTD92

Subprojeto: ESTRUTURA SOCIAL WAIMIRI-ATROARI

Assistente: Márcio Ferreira da Silva

## 1. Introdução

Este projeto tem por objetivo observar e descrever aspectos da estrutura social (organização social, cosmologia e linguagem) Waimiri-Atroari. A pesquisa pretende se desenvolver a partir de uma etnografia, uma documentação lingüística e um exame bibliográfico da região. A meta preliminar deste estudo é fornecer informações que permitam uma caracterização precisa deste grupo. A pesquisa ainda prevê a elaboração de uma comparação controlada, que pretende localizar os Waimiri-Atroari num quadro mais amplo dos povos indígenas da Guiana e dos Carib da América do Sul.

## 2. Justificativas

A realização desta pesquisa pode ser justificada pelas seguintes razões:

- a) Em primeiro lugar, esta pesquisa poderá contribuir para o acúmulo de informações sobre as sociedades indígenas das terras baixas da América do Sul, uma das regiões do mundo menos conhecidas (Lyon, 1974 e Langacker, 1986).
- b) Além disso, uma pesquisa de tal natureza poderá, de alguma forma, colaborar para a construção de hipóteses e modelos etnológicos mais adequados aos grupos indígenas amazônicos.

Outras razões mais específicas devem ainda ser consideradas no contexto de uma pesquisa entre os Waimiri-Atroari:

- c) As informações etnográficas e lingüísticas sobre este povo são, até hoje, bastante precárias. Para se ter uma idéia, o livro Jauaperi-Pacificação dos Crichanás, de Barbosa Rodrigues, editado em 1885, é ainda o trabalho publicado mais abrangente

sobre esses índios.

d) Três acontecimentos marcantes vêm desencadeando uma série de distúrbios, nas últimas décadas, com reflexos expressivos não apenas na vida social, mas na própria estrutura populacional. São os seguintes:

I. A abertura da Rodovia BR-174 (Manaus-Boa Vista), que atravessa o território indígena em toda a sua extensão. Esta estrada, cuja construção foi marcada por uma sequência de atos violentos aos grupos localizados ao longo de seu traçado, uma vez aberta, vem permitindo a exposição desses índios a todo um conjunto de novos problemas.

II. A instalação de um empreendimento extrativista de grande porte, o Projeto Pitinga, de uma das subsidiárias da Empresa Mineradora Paranapanema S.A., que além de provocar a descaracterização de uma parte do território tradicional, é responsável por uma série de problemas ambientais.

III. A construção da Usina Hidrelétrica de Balbina, cujo reservatório não apenas incidirá sobre uma porção significativa do território Waimiri-Atroari, mas fará submergir uma área tradicional de residência de cerca de um terço da população atual, que, brevemente, deverá abandonar a região.

Esses agentes provocaram, entre outras coisas, os seguintes efeitos:

Uma expressiva redução populacional. O número total de habitantes, estimado oficialmente pela FUNAI, no início da década de setenta, em cerca de 1500 (Cf. Carvalho, 1982 e 1986), decresceu para menos de 400, em 1986.

Uma série de interferências na vida social. Este fato se traduz no ritmo e na intensidade das transformações sociais impostas aos Waimiri-Atroari, promovidas não só por todo um conjunto de agências da sociedade envolvente, mas por uma política de "integração" e "desenvolvimento comunitário" levada a termo pela FUNAI. Tais transformações nunca estão livres dos riscos de uma rápida descaracterização cultural do grupo.

### 3. Os primeiros desenvolvimentos da pesquisa

Este projeto prevê a realização de uma pesquisa de campo extensiva, iniciada em março de 1987, com pelo menos três viagens à área, durante um intervalo de dois anos.

O presente relatório reflete a primeira etapa do trabalho de campo, desenvolvida durante os meses de março a junho do corrente. Neste período, permanecemos junto aos índios da aldeia localizada no Rio Camanaú, de onde tivemos acesso a duas outras aldeias da região, localizadas no Rio Curiaú e no Lago Bacaba. Essas três aldeias situam-se numa área cujo acesso é relativamente difícil, possível apenas via Rio Negro. São, por isso, as aldeias mais isoladas da região.

Uma vez que o material etnográfico e lingüístico disponível sobre o grupo é praticamente inexistente, esta primeira etapa da pesquisa destinou-se à elaboração de um quadro de referências básicas, a partir do qual, uma pesquisa como esta pode se desenvolver. Durante a primeira viagem, realizamos essencialmente as seguintes atividades:

- a) Um censo das aldeias da região, que fornecesse um perfil preciso da população, por sexo e idade;
- b) Um levantamento genealógico, que permitisse um quadro inicial de algumas das relações existentes entre os membros dos grupos;
- c) Um estudo preliminar do parentesco, através do exame da terminologia, das regras de casamento, do sistema de atitudes e das regras de nominação;
- d) Um estudo das categorias nativas de classificação das idades;
- e) Um conjunto de mapas e diagramas das roças, de áreas de caça, pesca e coleta, do perímetro das aldeias e do interior das casas;
- f) Uma análise lingüística preliminar, que fornecesse, pelo menos, um sistema notacional seguro para a coleta de dados na língua nativa;

g) Uma série de anotações no diário de campo, de caráter obviamente preliminar e tentativo, sobre aspectos diversos da vida social, onde utilizamos como roteiro algumas das monografias sobre a região, como Riviêre, 1969 e 1984, e Kaplan, 1975.

Serão resumidamente apresentados a seguir alguns resultados preliminares dessa etapa inicial do trabalho de pesquisa e, em seguida, algumas questões teóricas que deverão nortear a próxima etapa de campo, prevista para o período que se estende de agosto a dezembro próximos.

### Os Kiña

Os Waimiri-Atroari são índios que habitam tradicionalmente os vales dos Rios Jauaperi, Camanaú, Alalaú, Abonari, Uatumã e Jatapu, localizados numa faixa de terras entre o Estado do Amazonas e o Território Federal de Roraima. Esses índios falam uma língua Carib, que apresenta, ao longo da área, algumas pequenas variações de ordem dialetal localizadas sobretudo nos níveis fonéticos e lexical. São designados na literatura etnográfica e em documentos indigenistas do passado como os Crichanãs, Jauaperis, Cericunãs, Alalaús, e Wautemiris, Tarumãs, etc. O termo "waimiri-atroari", empregado neste projeto corresponde a uma designação de uso consagrado nos últimos anos.

Segundo Carvalho, 1982 e 1986, "waimiri" e "atroari" seriam designações étnicas recíprocas. A primeira seria o termo empregado pelos índios dos vales do Alalaú e Uatumã para designar os índios dos vales do Camanaú, Jauaperi e Abonari. A segunda, seria o termo através do qual esses últimos fazem referência aos primeiros. De acordo com o autor, "trata-se na verdade de dois grupos distintos" (1982:4), que "casam-se entre si, mas se mantêm em territórios bem definidos" (1986:3).

Tais hipóteses, entretanto, parecem não se sustentar em termos etnográficos. Para os índios das aldeias localizadas nos Rios Camanaú, Curiaú e no lago Bacaba, os termos "wai

miri-atroari, como as de Baynes e Schwade (comunicações pessoais) corroboram este ponto de vista.

Os Waimiri-Atroari se autodenominam Kiña, um termo de significação bastante complexa, cujo exame preciso escaparia aos limites deste relatório. Isso porque se o termo Kiña designa, em princípio, a totalidade dos Waimiri-Atroari, seu escopo pode ser mais abrangente, a ponto de compreender outros povos indígenas, quando oposto ao termo Kamiña, "civilizado".

Uma outra categoria nativa pode, entretanto, ser usada nesse contexto mais amplo, e acaba por definir as fronteiras sociológicas do povo: (a)-yaska. Este termo é por eles mesmos traduzido por "(meus)parentes", e se opõe a a-yaska kapî, "meus não-parentes". Em resumo, para um waimiri-atroari, o seu povo é definido pelo conjunto dos kiña que são a-yaska. A articulação dessas categorias traça os contornos de um povo unido por um conceito de língua (kiña yara), uma cultura e uma ideologia de integração fundada num idioma de parentesco.

### As mîdi

Os Waimiri-Atroari se caracterizam por apresentar um tipo de estrutura social marcado por uma relativa independência do grupo local (aqui designado de um modo informal). A mîdi, "casa", waimiri-atroari pode ser tomada como uma unidade que opera com um grau elevado de autonomia, em múltiplos níveis da vida social. Algumas instituições, entretanto, como o comércio, a cooperação cerimonial e a guerra (pelo menos a empreendida contra os kamiña, de trégua bastante recente) são fatores que, aliados ao casamento, engendram complexas redes de integração inter-mîdi, de variados graus de densidade sociológica.

Em termos tentativos, é possível supor que a ilusão da existência de grupos distintos seja função de tal variação. Entre grupos locais muito separados geograficamente, observam-se relações intermîdi, como seria de se esperar, menos densas. O mapeamento de tais relações só poderá ser rea-

lizado com base numa etnografia bastante completa.

### Os ayaska

Como afirmou Rivière, 1984, o parentesco adquire, nas sociedades da Guiana, um papel fundamental na estrutura social. As sociedades da região, de um modo geral, não dispõem de outras instituições, pelo menos no plano do grupo local, de caráter integrador.

Não nos ocuparemos aqui de um estudo comparativo do sistema Waimiri-Atroari, num quadro regional mais amplo, o que será uma de nossas tarefas no futuro. Observaremos, abaixo, em linha gerais, o modo como o sistema se constrói:

O parentesco Waimiri-Atroari se caracteriza por apresentar, grosso modo, uma terminologia de tipo dravidiano, que equaciona parentes cruzados e afins, e não distingue os membros das gerações alternadas de ego. Na geração +2, todos os homens são designados por um único termo, o mesmo acontecendo com todas as mulheres. Na geração -2, todos os homens e mulheres são classificados por um termo único.

Na geração +1, assim como na geração -1, há uma distinção principal entre os parentes cruzados e os parentes paralelos, e ainda uma outra entre lineares e colaterais.

Na geração de ego, a situação é um pouco mais complexa: São considerados irmãos (mais velho ou mais novos em relação a ego), todos os filhos do pai, da mãe e dos irmãos homens do pai. Os filhos da irmã da mãe não são irmãos, a menos que, é claro, o pai deles seja do grupo agnático de ego.

Nesse plano, tudo se passa como se o grupo se organizasse em termos patrilineares. Voltaremos a esse ponto a diante. Observemos, a seguir, o modo como este sistema se articula com as regras de casamento:

Para um ego masculino, o casamento preferencial é com sua prima cruzada. Ego ainda pode casar com a filha de alguém a quem classifica como irmão ou irmã mais velhos. O casamento com a filha da irmã vem sendo bastante estudado entre os

Carib nos últimos anos (Cf. Rivière, 1969, e Henley, 1984, etc.). O casamento com a filha do irmão parece ser, entretanto, um fato inédito na região, e, em princípio, levanta uma série de questões para uma teoria da aliança.

Outras questões teóricas podem ser formuladas, como hipóteses de trabalho, sobre os dados coletados até o momento. Assim, como se define a "tendência patrilinear" mencionada acima, e de que modo se articula a uma organização de tipo cognático? De que maneira noções como "consangüinidade", "afinidade", "aliança", "endogamia" e "exogamia" podem ser compreendidas no âmbito de uma etnografia para este povo?

#### Referências Bibliográficas

- Barbosa Rodrigues. 19885 - Jauaperi. Pacificação dos Crichanás. Imprensa Nacional.
- Carvalho, J.P.F. de. 1982 - Waimiri Atroari. A história que ainda não foi contada.
- \_\_\_\_\_ 1986 - "Relatório sobre a possível interferência do represamento do Rio Uatumã - UHE Balbina na área indígena Waimiri-Atroari". dat.
- Dumont, Louis. 1975. Dravidien et Kariera, l'alliance de mariage dans l'Inde du Sud et en Australie.
- Henley, Paul. 1984 - "Intergenerational marriage amongst the Carib speaking peoples of the Guianas: a preliminary survey". Antropologica, 59-62. Fundacion La Salle, Instituto Baribe de Antropologia y Sociologia.
- Kaplan, Joanna. 1975 - The Piaroa. Oxford University Press.
- Langacker, R. 1968 - Language and its structure. Harcourt, Barce, Jovanovich.
- Lyon, P. (org.). 1974 - Native south american indians: etnology of the least know continent. Little Brown & Co.